
O LOCUS DO MARANHÃO NA CARTOGRAFIA DOS SÉC XVI- XVII

EL LOCUS DE MARANHÃO EN LA CARTOGRAFÍA DE LOS SIGLOS XVI-XVII

THE LOCUS OF MARANHÃO IN CARTOGRAPHY FROM THE 16th-17th CENTURIES

Grete Pflueger¹

<http://lattes.cnpq.br/5611676699113069>

<https://orcid.org/0000-0002-9376-8689>

RESUMO: O artigo apresenta uma nova abordagem na análise da cartografia do século XVI-XVII do Estado do Maranhão, a partir de duas fontes: a coletânea “A cartografia impressa do Brasil - Os 100 mapas mais influentes”, de Max Justo Guedes, e alguns mapas que compõem a coleção do dossiê intitulado: “Povos originários”, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nestas duas fontes, o Maranhão aparece nos mapas do Brasil do século XVI pela representação simbólica do Rio Maragnon e pela indicação de pontos de destaque no litoral, formando uma tríade simbólica, representada por desenhos diversos que demonstram a força de seu lócus no período pré-colonial e colonial. Os pontos destacados são as aldeias de Tapuitapera, o rio Itapecuru, e a ilha grande de São Luís e cidade de Nazaré – lugares onde havia grandes aldeamentos indígenas tupinambás, aldeias de brancos, vilas coloniais e projetos de vilas que foram marco das disputas do território por franceses, portugueses e holandeses, e onde o efêmero projeto da França equinocial foi implantado em 1612, disputado e vencido em batalhas pela colonização portuguesa. A pesquisa fundamenta-se teoricamente no entendimento do mapa como um instrumento de poder e dominação, buscando organizar a cartografia do Estado com um olhar decolonial da conquista do território. A cartografia foi complementada pelos relatos dos padres capuchinhos franceses Claude Abbeville e Yves d’Evreux, que documentaram a presença indígena e os hábitos e costumes do Maranhão no século XVII.

Palavras-Chave: Cartografias; Maranhão; Mapas.

¹ Pós-doutoranda do Procad Amazônia NAEA- UFPA, sob orientação de Rosa Acevedo Marin. Doutora em urbanismo PROURB - UFRJ, Profa. Associada I do curso de arquitetura e urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial - PPDSR da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA - Brasil. E-mail gretepf@gmail.com, grete@uema.br.

RESUMEN:

El artículo presenta un nuevo enfoque al análisis de la cartografía del Estado de Maranhão de los siglos XVI-XVII, basado en dos fuentes: la colección “La cartografía impresa de Brasil - los 100 mapas más influyentes”, de Max Justo Guedes, y algunos mapas que integran el acervo del dossier titulado: “Pueblos originarios”, de la Biblioteca Nacional de Río de Janeiro. En estas dos fuentes, Maranhão está presente en los mapas de Brasil del siglo XVI a través de la representación simbólica del río Marañón y de la representación de puntos destacados de la costa, una tríada simbólica, representada por diferentes dibujos que demuestran la fuerza de su ubicación en el periodo precolonial y colonial. Los puntos representados son las aldeas de Tapuitapera, el río Itapecurú y la isla grande de São Luís y la ciudad de Nazaré, lugares donde existieron grandes asentamientos indígenas tupinambá, aldeas blancas, pueblos coloniales y proyectos aldeanos que marcaron las disputas territoriales por franceses, portugueses y holandeses, donde en 1612 se llevó a cabo el efímero proyecto de la Francia equinoccial, disputaron y derrotado en batallas por la colonización portuguesa. La investigación busca sustento teórico en la comprensión del mapa como instrumento de poder y dominación y busca organizar la cartografía del Estado con una nueva perspectiva decolonial sobre la conquista del territorio. La cartografía se complementó con informes de los sacerdotes capuchinos franceses Claude Abbeville e Yves d'Evreux, quienes documentaron la presencia indígena y los hábitos y costumbres de Maranhão en el siglo XVII.

Palabras-Clave: Cartografías, Maranhão, Mapas.

ABSTRACT: This article seeks to bring a new approach to the analysis of the cartography of the 16th-17th century of the State of Maranhão in two sources: the collection “The printed cartography of Brazil - the 100 most influential maps” by Max Justo Guedes and in some maps that make up the collection of the dossier entitled: “Native Peoples”, from the National Library of Rio de Janeiro. In these two sources, Maranhão is present in the maps of Brazil of the 16th century through the symbolic representation of the Maragnon River and through the representation of prominent points on the coast, a symbolic triad, represented by various drawings demonstrating the strength of its locus in the pré-colonial and colonial periods. The points represented are the villages of Tapuitapera, the Itapecuru River, the large island of São Luís and the city of Nazaré, places where there were large Tupinambá indigenous settlements, white villages, colonial towns and town projects that were landmarks in the territorial disputes between the French, Portuguese and Dutch, where the short-lived project of equinoctial France was implemented in 1612, disputed and won in battles for Portuguese colonization. The research seeks theoretical support in understanding the map as an instrument of power and domination and seeks to organize the cartography of the State with a new decolonial view of the conquest of the territory. The cartography was complemented by the reports of the French Capuchin priests Claude Abbeville and Yves d'Evreux who documented the indigenous presence and habits and customs of Maranhão in the 17th century.

Keywords: Cartographies, Maranhão, Maps.

INTRODUÇÃO

A cartografia sempre exerceu grande fascínio na história da humanidade, desde os mapas mais antigos feitos em argila na mesopotâmia, passando pelos mapas desenhados pelos gregos e os mapas de mosaicos romanos, até os primeiros mapas mundiais e cartas náuticas europeias elaborados a partir do século XIII. No entanto, foi no século XV, com o movimento das grandes navegações, que os mapas e cartas se transformaram em objetos de cobiça e disputa. Os mapas tornaram-se instrumentos de poder, informação e dominação de territórios desconhecidos, proporcionando descobertas e disputas pelos novos mundos e novos continentes habitados pelos povos ancestrais. Contudo, o olhar do colonizador europeu privilegiou a sua dominação, apagando a presença dos povos ancestrais que já ocupavam o território.

No caso do Brasil, a cartografia feita para desvendar a costa brasileira começa a aparecer no século XV, nos grandes atlas e cartas *portulanos*². Os primeiros mapas documentaram a geografia da costa, mas pouco da presença ancestral dos indígenas e seus povos, apenas identificando em desenhos sua presença. Os mapas continham escala e proporção, mas também apresentavam distorções que acarretaram acessos improváveis. Santos (2005) discute sobre a cartografia simbólica e aponta que os mapas são distorções reguladas da realidade, distorções organizadas de territórios que criam ilusões credíveis de correspondências. Para o autor:

O mapa, o poema e o direito, embora por diferentes razões, distorcem as realidades sociais, as tradições e os territórios, e o todos o fazem segundo certas regras. Os mapas distorcem a realidade para instituir orientação, os poemas para originalidade e o direito para instituir a exclusividade (Santos, 2005, p. 198).

Além disso, de acordo com Knauss (2010), os mapas contam histórias:

Diante de um mapa do séc. XVI e outro do séc. XX podemos reconhecer as diferentes maneiras que um mesmo espaço é visto. Tais diferenças se relacionam à história da cartografia como disciplina de conhecimento e como técnica, mas revelam igualmente a diversidade das práticas de apropriação. E de percepção do espaço ao longo dos séculos (Knauss 2010, p. 8).

² Para o Museu Postal Nacional, do Instituto Smithsonian dos EUA: Portulanos eram cartas feitas por e para marinheiros durante a Idade Média. Esses atlas práticos, utilitários e notavelmente precisos não tinham gradações, mas usavam uma rede de linhas de rumo, linhas retas que se estendiam na direção dos pontos cardeais. Eles forneciam instruções de navegação e localização de portos e mostravam várias características costeiras. Fonte: Smithsonian. Disponível em: <https://postalmuseum.si.edu/exhibition/cole%C3%A7%C3%A3o-de-selos-de-mapas-de-allan-lee-volume-6/os-p-ortulanos>.

A literatura latino-americana apresenta uma metáfora do mapa no conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, que relata a história de um imperador que encomendou ao cartógrafo um mapa do tamanho do seu império. Trata-se de uma reflexão sobre o mapa como representação simbólica da realidade. O mapa não podia conter o tamanho exato do império, como desejava o imperador, mas sim sua representação em escala e proporção. A compreensão do conto leva à conclusão de que um mapa do tamanho real não seria prático:

Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses mapas desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram as despedaçadas ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o país não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas (Borges, 2008 [1982]).

As duas fontes escolhidas para este artigo, que fazem parte da pesquisa de pós-doutorado sobre a cartografia do Maranhão, são coletâneas que reúnem a cartografia mais significativa do Brasil. A primeira é o livro “A cartografia impressa do Brasil”, do almirante Max Justo Guedes, reconhecido como um dos maiores especialistas no tema, que selecionou os 100 mapas mais influentes. A segunda é coletânea elaborada para o dossiê “Povos originários”, que foi organizado em 2023 pelo setor de iconografia e cartografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em consonância com os indicadores temáticos para a cultura da Agenda 2030 da UNESCO, como ferramenta ao debate do Marco Temporal nas terras indígenas no Brasil.

Ambas as fontes possibilitaram uma visão do Maranhão na cartografia do século XVI, em recortes de pesquisa de mapas do Brasil e não apenas do Maranhão. O Dossiê proporcionou um novo olhar sobre o lugar do Maranhão nos mapas do século XVI, pois havia uma tendência de pesquisa sobre o Maranhão apenas na cartografia do século XVII, devido à fundação da cidade de São Luís pelos franceses em 1612, seguida da urbanização portuguesa em 1618 e invasão holandesa entre 1641 e 1644, que deixou um legado de mapas sobre a cidade.

Essa nova abordagem busca analisar a cartografia pré-colonial com um olhar decolonial, buscando visibilizar as existências de ideias de cidade, vilas e aldeias indígenas e europeias, vilas de passagem e localização das aldeias existentes, analisando símbolos e

comparando com os mapas atuais, na perspectiva de compreender melhor a gênese urbana do Estado.

Segundo o sociólogo Aníbal Quijano (2005), a colonialidade é o conjunto de formas de colonialismo que sobreviveram ao colonialismo histórico. Ela constitui um arranjo de estruturas de poder e dominação que se articulam em torno do controle: da economia, da autoridade, do conhecimento e da subjetividade, a partir de lógicas materiais e simbólicas. A colonialidade também se infiltra no imaginário e nas idealizações sociais. O olhar decolonial é uma contraposição ao pensamento colonial, visibilizando culturas ancestrais dos povos originários.

Observamos nos mapas antigos do Maranhão a presença de cidades, como Nazaré, que não existem mais, de projetos de cidade que não foram executados na margem do Itapecuru e de marcações das províncias dos Tremembés, Guajajaras e Tupinambás no caminho entre o Maranhão e o Pará, como no Pequeno Atlas do Grão Pará Maranhão, de Albernaz³, do acervo da BNdigital. Essas marcações, quando confrontadas com os dados atuais, nos mostram como os indígenas perderam território.

O MARANHÃO NOS MAPAS - O RIO, O TERRITÓRIO - MARANGON. F, RIO MARANHON

O Estado do Maranhão, situado no nordeste do Brasil, faz parte da Amazônia e ocupa uma posição abaixo da linha do equador, que divide os dois hemisférios. Historicamente, o Maranhão ocupou uma posição geográfica estratégica no contexto das grandes navegações europeias e das disputas de território no contexto da colonização. O Estado é banhado pelo oceano Atlântico e possui a segunda maior costa litorânea do Brasil, com extensão de aproximadamente 640 quilômetros. A sua posição geográfica representa uma área de transição entre as regiões nordestina e amazônica do território brasileiro. Como um dos estados da Amazônia, apresenta uma grande diversidade natural na sua paisagem, com uma costa cheia de reentrâncias, rios caudalosos, uma maré de grande variação – acerca de sete metros, favorável à navegação –, a ilha de São Luís e os Lençóis Maranhenses.

O fato do Maranhão pertencer à Amazônia e possuir muitos rios, estimulou os navegadores europeus a acreditarem que teriam acesso, através dos rios do Maranhão ao

³ Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart555828/cart555828.pdf.

Eldorado do Peru, ao tesouro mítico que atraía navegadores e piratas pela notícia do ouro das civilizações ancestrais, incas e maias. A busca por esses acessos e caminhos para tais riquezas, juntamente com as distorções contidas nos mapas mais antigos, levou à confusão entre rios e territórios, pois havia uma noção distorcida de que o acesso ao Amazonas se daria pelos rios do Maranhão, justificando a representação do Rio Maragnon em mapas do século XVI e que o Maranhão está na cartografia mais antiga, do século XVI, mesmo antes de ser colonizado e disputado por franceses e portugueses no século XVII.

Em “Relação sumária das cousas do Maranhão⁴” (2001), Simão Estácio da Silveira – que veio ao Maranhão em 1619, na colonização do Grão Pará Maranhão –, conta que a província sempre foi muito desejada:

O sítio do Maranhão é uma baía que olha para o norte, e terá quarenta léguas da ponta do Peria até a ponta de Cumã... Por detrás dessa ilha desaguam nesta baía cinco rios caudalosos e todos navegáveis que são o Monim, o Itapecuru, pelo qual acima vinte léguas temos uma fortaleza e uma aldeia; o Mearim que vem por formosíssimas campinas de massapé, onde andam emas; o Pindaré que dizem nasce muito perto do Peru; e o macucu que deriva de muitos lagos (Silveira, 2001, p. 38).

Na busca pela etimologia da palavra “Maranhão”, encontramos diferentes significados e interpretações que colaboram com essa distorção. O historiador maranhense Mário Meireles (2001), aponta que “Maranon” era o nome do atual rio Amazonas, mas também pode ter origem tupi-guarani (que significa “o mar que corre”); no nheengatu, com o topônimo “Mairi” (que significaria “território de Maíra” ou “terra dos filhos de Maíra”), ou ainda, na descrição do Rio Amazonas como “Maranhão” (grande mar) por uma expedição enviada por Cristóvão Jaques.

De acordo com o portal da Amazônia⁵, em cada região o rio recebe um nome. No local onde nasce, ele é chamado de Vilcanota. Em território peruano, atravessa uma região belíssima, conhecida como Vale Sagrado dos Incas. Antes de chegar ao Brasil, o rio é chamado de Uicaiali, Urubamba e Marañón. Ao sair do Peru, o rio ainda passa pela Colômbia, finalmente chegando ao Brasil, onde recebe o nome de Solimões, que, ao encontrar com o Rio Negro, se torna o Rio Amazonas. Sua foz é conhecida como Delta do Amazonas e deságua no Oceano Atlântico, localizado entre os estados do Pará e Amapá.

O fato é que a presença do Maranhão na cartografia remonta ao século XVI, tanto como rio quanto como lugar. No entanto, era pouco pesquisado, pois devido à fundação da cidade

⁴ Silveira, Simão Estácio da. Relação Sumária das cousas do Maranhão dirigida aos pobres deste reino de Portugal. São Paulo: Siciliano, 2001.

⁵ Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/voce-sabe-onde-fica-a-nascente-do-rio-amazonas/>.

de São Luís pelos franceses e à disputa pelos portugueses (1612-1618), a cartografia do Maranhão privilegiava o século XVII, período em que os holandeses documentaram pela primeira vez o traçado em xadrez da cidade de São Luís, que está bem representado na “*Pianta della città di S. Luigi metropoli del Maragnone*”, de autoria de Andrea Orazi, do acervo da BNdigital⁶.

O acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro contém 40 mapas do Maranhão, a maioria dos séculos XVII ao XX. No entanto, observamos no dossiê dos povos originais da BNdigital, na seleção de mapas, que várias cartas e mapas do século XVI do Brasil mostram identificações do Maranhão tanto como rio quanto como cidade, demonstrando esse locus importante que o estado ocupou. Conforme os mapas escolhidos para o artigo (fig. 3,5,6 e 9).

Nesta pesquisa, constatamos, no livro do Guedes (2012)⁷, que trata dos “100 mapas mais influentes”, que todos os mapas entre 1562 e 1585 apresentam marcação do Maranhão. Destacamos alguns deles, como o mapa 1562 “*la description di tutti il Perù*”, de Paolo Forlano, de Veneza, que mostra o Rio Maranhão (maragnon.F) no Amazonas; o mapa 1564 “*Nova totius terrarum descriptio*”, de Abraham Ortelius, do acervo da Universidade de Basiléia, na Suíça, que ilustra o rio Maragnone cortando a Amazônia até o Peru; e o mapa 1585 “*Meridionalis Americae*”, de Johannes Van Doetechum, que está no acervo do British Museum e apresenta a identificação de O *maranham*, perto de Itapecuru e do forte de São Sebastião (que supomos ser o forte da cidade de Alcântara), próxima a São Luís ao lado da cidade de Nazaré e no centro do mapa, há desenhos das nações tupinambás e da coroa Portuguesa, representando a colônia e presenças ancestrais indígenas, demonstrando as forças que povoavam o processo de colonização.

No mapa de 1602 “*Americae novíssima description*”, de Joost de Honsdt, do acervo da Biblioteca Nacional de Paris, há, no lugar do Maranhão, uma inscrição em latim que diz: rio maragnone cujus ortium diflat ab oflio amazonas flu - Rio Maragnone, cuja nascente flui do rio Amazonas. É interessante observar que os mapas do Maranhão do século XVI estavam preocupados, sobretudo, com os mapeamentos dos rios para o acesso ao Peru e com a identificação de possíveis lugares das vilas, não registrando as aldeias indígenas que já haviam sido documentadas pelas obras dos padres capuchinhos franceses: Claude D’Abbeville “história da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão”, publicada

⁶ Disponível em:

https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360018/cart1360018.html.

⁷ GUEDES, Max Justo. **A cartografia impressa do Brasil, 1506-1922**. Os 100 mapas mais influentes. Rio de Janeiro: Capivara Editora Ltda, 2012.

pela primeira vez em 1614, na França, e no livro “Viagem ao Norte do Brasil”, de Yves D’Euvreux, escrito entre 1613/1614.

Os padres naturalistas e memorialistas que acompanharam a expedição de La Ravardière, em 1612, passaram quatro meses no Maranhão e descreveram com minuciosos detalhes o projeto efêmero da França Equinocial. Eles encontraram cerca de 27 aldeias e mais de 10 mil indígenas. Relataram a missa da fundação da Ilha de São Luís, as passagens pelas aldeias de Tapuitapera (atual cidade de Alcântara) e Upaon Açu (atual capital do Estado, São Luís), além do cotidiano, hábitos, da astrologia e das cosmovisões dos povos que lá habitavam. Esses dois livros descrevem tanto a organização espacial dos assentamentos indígenas quanto técnicas construtivas utilizadas neles.

Os diferentes papéis que o Maranhão desempenhou durante a colonização, assim como a resistência ancestral indígena, têm sido objeto de várias pesquisas, destacamos algumas. De acordo com o pesquisador português por adoção, ludovicense de nascimento, Rafael Moreira⁸, a cidade de Nazaré foi fundada em março de 1536, pelo capitão Aires da Cunha, na ponta da Ilha Grande do Maranhão (Upaon Açu), por conta dos donatários – o grande humanista João de Barros e o poderoso financeiro Fernão Álvares de Andrade. O objetivo oculto desta fundação, segundo Moreira (2021), era conquistar por terra o mítico reino inca do El Dorado, no Peru.

Moreira (2021) afirma que talvez seja esse o motivo pelo qual a historiografia dominante no Brasil tenha ignorado o feito da cidade de Nazaré, relegada ao domínio do mito e do malogro histórico. Ainda de acordo com o autor: *tem escapado aos historiadores que o foco do poderio militar francês, o Fort Saint-Louis fundado no alto da acrópole da Ilha Grande do Maranhão foi erguido sobre as ruínas da antiga cidade portuguesa de Nazaré, despovoada e abandonada quatro décadas antes.*

A atual cidade de São Luís, de acordo com Moreira, seria herdeira da antiga Nazaré, criada anteriormente por Aires da Cunha e seus sócios João de Barros e Fernão Álvares de Andrade. O registro da cidade de Nazaré está presente na obra de historiadores maranhenses, como Mário Meireles e Antonio Lopes, que a mencionam em seus livros nos primórdios da formação do Maranhão.

⁸ Moreira, Rafael. Entre ser português e índio “barbado”: da cidade de Nazaré (S. Luís do Maranhão, 1536) à colonização do vale do Itapecuru no século XV História (São Paulo), v.40, e2021007, 2021. ISSN 1980-4369 DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2021007>.

Havia ideias de cidades que não foram executadas, como destaca a pesquisadora Renata Malcher Araújo (2018), em artigo⁹ sobre Itapecuru. Ela analisa o mapa ‘Descrição dos Rios Pará e Maranhão¹⁰’, de João Teixeira Albernaz, datado de cerca de 1632, *que apresenta bem visível na margem esquerda do rio Itapecuru, acima da ‘Cachoeira’ e ‘Fortaleza’ que seguem à sua foz, frente a um ‘Engenho de açúcar’ e antes de outro, uma vasta área terraplanada tendo do lado a legenda: “Aqui se há de fazer a Povoação pera cabeça do estado”*. Nela, se vê um interessante esquema de cidade de modelo regular, no qual apenas as ruas estão indicadas – talvez já traçadas no terreno, seguindo a tradição ibérica do quadrado com quadrícula de seis quadrados menores, com a igreja no topo e o lado oposto encostado na linha do rio.

De acordo com Malcher, tratava-se de um projeto que não vingou, mas que retomava, em uma versão mais simples, o traçado xadrez elaborado para São Luís pelo engenheiro-mor Francisco de Frias de Mesquita. Essas pesquisas demonstram que a cartografia registrou ideias de cidade que não foram executadas e locais que foram apropriados por outras aldeias ou vilas, evidenciando a delicadeza da análise dos registros históricos e suas interpretações simbólicas.

Na busca por este território ancestral e histórico do Maranhão, que ocupa mapas e cartas desde os primórdios da cartografia sobre o Brasil, selecionamos alguns mapas para contar a trajetória do Maranhão na cartografia.

MAPAS DO BRASIL – MARANHÃO

Selecionamos três mapas do século XVI – 1534, 1553 e 1556 – e três mapas do século XVII – 1612, 1616 e 1631 –, provenientes de duas fontes diferentes: do acervo da BNdigital e do livro de Max Justo Guedes “A cartografia impressa do Brasil” (2012).

1. 1534 – “La carta universale della terra firme”, elaborada por Nuno Garcia de Torreno, do livro de Max Justo Guedes: “A cartografia impressa do Brasil” (2012).
2. 1553 – “Brevis exacta totius novi orbis et Peruviae”, do cartógrafo Johannes Bellerius, do livro de Max Justo Guedes: “A cartografia impressa do Brasil” (2012).

⁹ Araújo. Renata Malcher Itapecuru, « le chemin des pierres » et les nouveaux Portugais Dans le cadre du séminaire Foncier, villes et territoires au Brésil: histoire et historiographie. Approches régionales et perspectives transnationales, animée par Claudia Damasceno Paris, Mardi 27 Mars. 2018.

¹⁰ Acervo BNdigital.

3. 1556 – Carta impressa do Brasil, Giovanni Battista Ramusio, Veneza, de autoria de Giacomo Gastaldi, do acervo da BNdigital.
4. 1612 – BERTIUS, Petrus. Brasília. Frankfurt do acervo da BNdigital.
5. 1616 – Mapa BRASÍLIA de PETRUS BERTIUS do acervo da BNdigital.
6. 1631 – “Novus Brasiliae Typus BLAEU”, Willem Janszoon. Amsterdam, Países Baixos. Do acervo da BNdigital.

BREVE ANÁLISE DOS MAPAS

A “*La carta universale della terra firme*”, de 1534, elaborada por Nuno Garcia de Torreno, foi publicada por Giambattista Ramusio em “*História de l’indie occidentali*” de Pietro Martire d’anhiera, em Veneza, no mesmo ano (1534). A carta consta no acervo da New York Public Library e no livro do Max Justo Guedes “A cartografia impressa do Brasil” (2012), que seleciona os 100 mapas mais influentes entre 1506-1922. O livro apresenta a cartografia do século XVI, com os mais antigos mapas, como a Carta do Mundo Novo. Nela, observamos que apenas o “*Maragnon*” está identificado na área equivalente ao Brasil, logo abaixo da linha equinocial, sendo uma das únicas referências no litoral do Brasil, ainda desconhecido. Trata-se de uma das primeiras menções ao Rio Marangon nas cartas.

O segundo mapa, *Brevis exacta totius novi orbis et Peruviae*, que mostra a totalidade da América do Sul, elaborado pelo cartógrafo Johannes Bellerius em 1553, também consta no livro de Guedes (2012). O original deste mapa está na Universidade de Valência, na Espanha. Este mapa apresenta todo o litoral do Brasil, identificado com nomes de rios, e destaca o *R.Maranon* como um rio de grande extensão. Essa distorção fazia parte da ideia de que, por meio do rio do Maranhão, se chegaria ao Eldorado do Peru. A marcação do rio Maranhão é uma constante nas cartas e mapas do século XVI. Essa é uma das razões pelas quais o Maranhão aparece em destaque na cartografia do Brasil. É o tempo do “Maranhão Rio Amazônico”.

Figura 1- Detalhe da Carta Universale della terra firme”, de 1534, do livro: Guedes, M.j. A cartografia impressa do Brasil. Os 100 mapas mais influentes. Onde aparece a palavra Maragnon, abaixo da linha equinocial.



Fonte: Capivara 2012.

Figura 2- Mapa Brevis exacta totius novi orbis, et Peruviae, que mostra a totalidade da América do Sul, do cartógrafo Johannes Bellerius, de 1553.



Max Justo Guedes (2012).

O Terceiro mapa é a “*Carta impressa do Brasil*”, de 1556, elaborada para o diplomata veneziano Giovanni Battista Ramusio, entusiasta da geografia pública, em parceria com o cartógrafo de Giacomo Gastaldi, veneziano de origem piemontesa e cosmógrafo. O mapa pertence ao acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹¹. Este mapa do Brasil faz parte do terceiro volume dos *Navigazioni et Viaggi*. Na pesquisa, encontramos três versões deste mapa, datadas de 1556, 1565 e 1606, que estão em preto e branco. Este mapa, amplamente divulgado pela Europa, contém cópias em várias bibliotecas. Além da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ele está no acervo da Gallica, em Paris, e na Biblioteca de Heidelberg¹², na Alemanha. A única cópia colorida está na Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo.

Este mapa representa o mar, com peixes e desenhos de naus europeias, e a palavra “*Marañon.F*” dentro de um desenho de três vertentes dos Rios do Maranhão, que

¹¹ Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart395872/cart395872.jpg.

¹² Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0936/image.info>.

correspondem hoje ao Itapecuru, Mearim e Munim, respectivamente. Em frente à representação do Rio Maranhão está escrito “*mar dulce*”, com desenhos de canoas e indígenas. Os indígenas são representados no interior do mapa, próximos ao litoral, juntamente com animais, árvores e vegetação. Há três edificações desenhadas, uma delas com um indígena deitado na rede e uma pequena representação de igreja no litoral, próximo à cidade de Sebastião (litoral do Rio de Janeiro). Além de várias figuras indígenas, há duas figuras europeias representadas. Os mapas, além de instrumentos de poder, são representações simbólicas da realidade. Eles demonstram os personagens do processo de colonização sem revelar os conflitos existentes, projetam as ideias de dominação e o conhecimento do território.

Figura 3- GASTALDI, Giacomo. Brasil. Veneza [Itália]: G. Gastaldi, [1556?]. 1 mapa, 26,3 x 36,4 cm. em f. 30,9 x 39,4 cm.



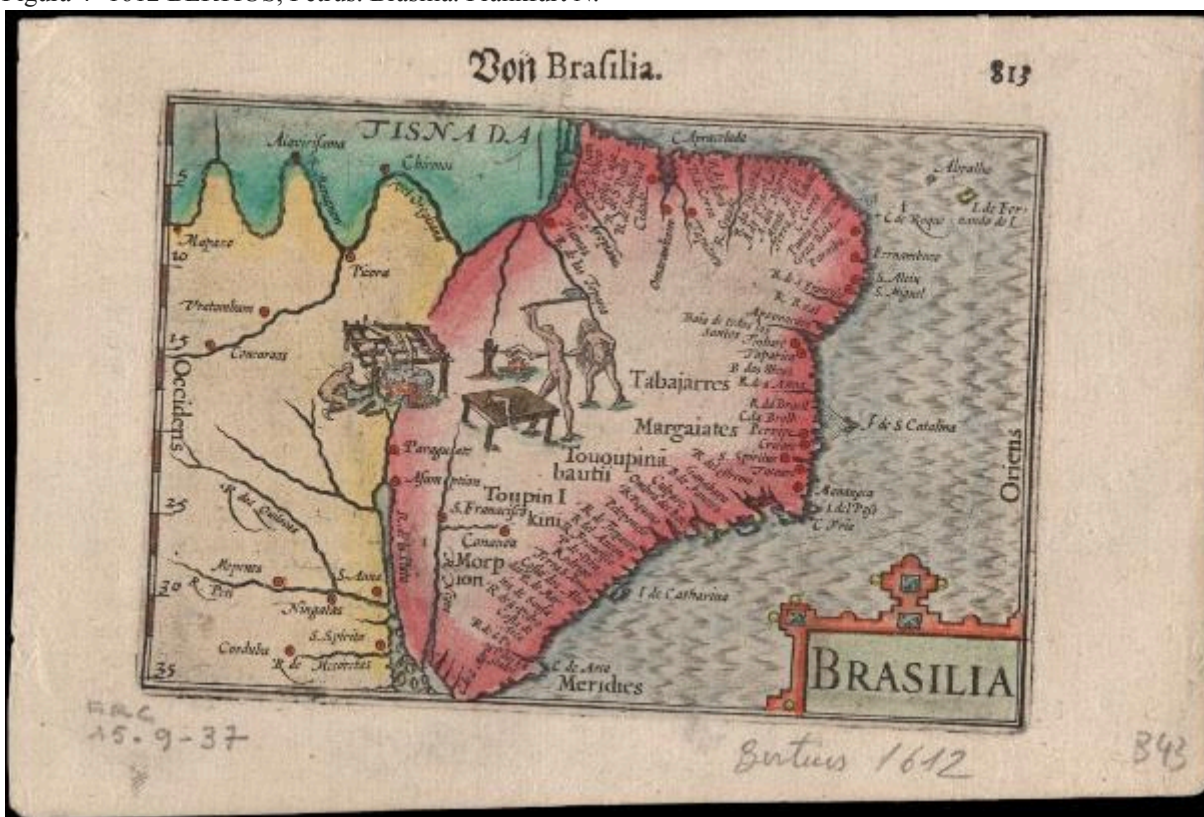
Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart395872/cart395872.jpg.

O quarto e quinto mapa são de autoria de Petrus Bertius (1565-1629), que foi filósofo, teólogo, historiador, geógrafo e cartógrafo, professor de Matemática e diretor da Biblioteca da Universidade de Leiden, na Holanda. Ele também foi cosmógrafo de Luís XIII, rei da França. Seu mapa sobre o Brasil, intitulado “*Brasilia*”, destaca o litoral e faz parte de um documento escrito em alemão e está na Biblioteca de Frankfurt.

O interessante na análise deste mapa de 1612 é a precisão da marcação da reentrância da atual Baía São Marcos, com três pontos vermelhos – ao lado dos pontos está escrito Cidade, *Omaranham* e *Tapiucorn*, então interpretamos que “Cidade” indica o local da aldeia Upaon Açu, onde hoje está a capital São Luís ou aldeia Tapuitapera, onde hoje estão Alcântara e Itapecuru, às margens do rio de mesmo nome, e O *maranhão* se referia ao rio Amazonas, fora da escala, próximo ao rio Mearim, que é o maior rio do estado.

Destacamos ainda o desenho no corpo central do mapa, que ilustra a presença indígena com representações canibais. O mapa faz indicação de tupinambás e tabajaras e representa o desenho de três indígenas nus, esquartejando uma perna e assando outra, metáforas do canibalismo presentes nas narrativas do colonizador.

Figura 4- 1612 BERTIUS, Petrus. Brasília. Frankfurt N.



Fonte: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart551650/cart551650.html.

O mapa abaixo, de 1616, traz a marcação de quatro pontos vermelhos, ligados à reentrância do litoral do Maranhão. Abaixo do que seria a ilha de São Luís, à esquerda, está a cidade de Nazaré, seguida pelo rio *Omaranham*, *Tapicorn* (que seria o rio Itapecuru) e, por fim, mais um ponto vermelho na lateral direita. Não há representações indígenas, apenas desenhos do relevo, da geografia e indicações de áreas dos tupinambás e tabajaras. No detalhe da figura 6 e 7, fizemos um comparativo entre o mapa de 1616 e o mapa atual do Maranhão (Google Maps), onde identificamos os pontos como Alcântara, São Luís, Itapecuru e a Ilha de Santana.

Figura 5 - 1616 Mapa de BERTIUS, Petrus. Brasília. [S.l.]: s.n., 1616].



Disponível em: http://acervo.BNdigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=275.

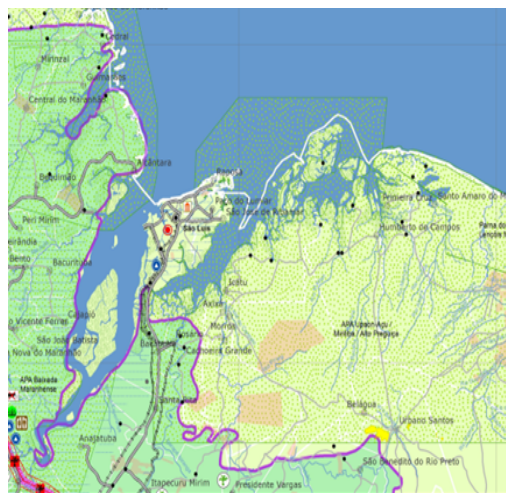
Fig. 6 – detalhe do mapa 1616 de P. Bertius com os desenhos dos pontos urbanos da cidade de Nazaré, Rio Maranhão, Itapecuru e Pindaré.

7- Detalhe do Mapa Nova cartografia social do Maranhão, 2018, para análise comparativa com o mapa de 1616.

Figura 6



Figura 7



Fonte: BNdigital.

Fonte:

<http://novacartografiasocial.com.br/mapa-nova-cartografia-social-dos-babacuais-mapeamento-social-da-regiao-ecologica-do-babacu/>

De acordo com a plataforma de arte da Holanda¹³ Gallerase, o cartógrafo Willem Janszoon Blauw (1571-1638) e seu filho Joan representaram a 'era de ouro' da cartografia holandesa. Trabalhando durante o século XVII, Willem Blauw desenhava uma série de mapas inovadores e publicou o primeiro atlas. Em 1605, ele criou um mapa-múndi de parede, contendo 20 folhas. Este mapa foi o mais preciso do período e deu uma contribuição notável para o conhecimento da geografia mundial.

¹³ Disponível em: https://gallerase.com/pt/artistas/willem-janszoon-blaeu_efa7faa56123.

É neste conjunto de mapas que se insere o mapa do Brasil do Acervo da Bndigital¹⁴. O recorte da área do Maranhão no mapa de Blauwe, de 1631 (ver figura 10), demonstra a importância do local, com a marcação dos rios importantes do Estado, que abrigavam em suas margens as aldeias indígenas e onde aconteceu todo o processo de disputa e expansão das vilas e cidades coloniais. O mapa “Novos Brasília” mostra a costa brasileira na posição sul, e o Maranhão encontra-se na lateral direita superior do mapa, com destaque à reentrância da ilha de São Luís. O mapa apresenta ainda as capitanias de São Vicente, do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, Bahia, Pernambuco e Paraíba no litoral.

No interior do mapa, há uma série de ilustrações com animais, pássaros e indígenas, além de um quadro em destaque para a Baía de Todos os Santos. O mapa contém as indicações do norte magnético e, em frente ao litoral, o mar está indicado como “Mar do Norte” (onde se localiza o Oceano Atlântico). O mapa apresenta marcação detalhada dos rios: Rio Mearim (R.miary), o Rio Itapecuru (R.taphorn), o Rio Munim (R.mounim) e do Rio Pindaré (R. pinaré). Também possui quatro desenhos indicativo de vilas e cidades: duas ao longo do Rio Mearim, ao lado do Rio Itapecuru, e uma ao lado da cidade de Nazaré, próximo à Tapuitapera (aldeia tupinambá, onde hoje se situa a cidade de Alcântara).

A cidade de Nazaré, de acordo com as pesquisas, foi um povoamento transitório ou cidade que só aparece nos mapas do século XVI, com múltiplas interpretações quanto à sua origem e apropriação. Ora afirmam ter sido apropriada por São Luís, ora extinta, ora ter sido incorporada por Alcântara. No entanto, ela está registrada em vários mapas do séc.XII. É importante destacar, neste mapa, que ao longo do litoral brasileiro há poucas marcações de cidade com a simbologia utilizada. O local com mais indicações é a capitania de São Vicente e o Maranhão, demonstrando o valor do “locus” no processo da colonização.

A intenção dos mapas era visibilizar acessos e rios, invisibilizando os povos ancestrais que habitavam a área, pois não há marcação das aldeias existentes, apenas referências aos indígenas em gravuras e desenhos no interior do mapa. É interessante notar que o nome do mapa está destacado na lateral esquerda, em um selo ladeado por dois indígenas, um homem e uma mulher, com cestos de palha na cabeça e tacapes. O mar que ladeia o litoral brasileiro está caracterizado como “Mar do Norte”, que, de fato, corresponde ao Oceano Atlântico, com desenhos de naus e monstros marinhos.

¹⁴ Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164712/cart164712.jpg.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Mapas contam histórias, são representações simbólicas da realidade, instrumentos de poder e dominação que nos revelam a história da colonização europeia em nosso país. O estado do Maranhão, com sua localização estratégica, sempre esteve indicado em toda a cartografia da conquista e disputa do território, seja pela distorcida visão de acesso ao Peru, pelos seus rios ou pela possibilidade de conexão com a Amazônia.

Analisamos, neste artigo, as temporalidades dos mapas: o primeiro tempo, do século XVI, nas cartas, foi o tempo do Maranhão como rio amazônico; o segundo tempo foi do Maranhão como território indígena Cumã e Tapuitapera, com povoamentos transitórios e cidades como Nazaré; e o terceiro tempo corresponde à conquista colonial francesa e portuguesa de São Luís e Alcântara, nos séculos XVII -XVIII.

A cartografia colonial construída tinha como principais objetivos criar subsídios para a dominação e colonização do território, registrando os acessos pelas águas, os caminhos existentes e as maneiras de controlar os povos e seus territórios, além de demonstrar o poder da monarquia europeia. A representação dos indígenas foi, então, subjugada a esses interesses e em alguns aspectos, pouco confiável, por partir de um ponto de vista colonizador. Ainda assim, observamos a presença de poucos desenhos das aldeias e suas indicações e, quando ampliadas, revelam um tamanho maior ou igual ao das vilas coloniais, dialogando em rivalidades e persistências na ocupação e disputa do território.

A pesquisa da cartografia dos séculos XVI e XVII lança um novo olhar sobre as permanências, registros, narrativas e projetos para o estado do Maranhão, revelando as ausências e ideias de cidade. O Maranhão do século XXI consolidou a capital São Luís, criou cidades ao longo dos rios e ainda possui vinte territórios indígenas, sendo 17 já reconhecidos. Além disso, existem 52 mil indígenas, de acordo com dados do Governo Estadual (Sedihpop¹⁵).

Os indígenas estão distribuídos em aproximadamente 700 aldeias, e o Censo 2022 do IBGE revela que pertencem às etnias Krikati, Krepyn katejê, Timbira, Canela Memõrtumre, Canela Ramkokamekrak, Gavião Pukobjê, Krenjê, Guajajara, Ka'Apor, Awa Guajá, Gamela, Tremembé, Tikuna, Awrao, Anapuru Muypurá, Kariu Kariri e Tupinambá. São remanescentes dos povos ancestrais que resistiram nas terras. O dossiê da Biblioteca Nacional dos povos

¹⁵ Disponível em:

<https://sedihpop.ma.gov.br/noticias/governo-do-maranhao-destaca-avancos-na-garantia-dos-direitos-dos-povos-indigenas-com-participacao-popular>.

ancestrais tem a missão de revelar e documentar essa história como subsídio para visibilizar e decolonizar a cartografia europeia, lançando novos olhares na pesquisa científica sobre a cartografia da disputa do território brasileiro. Os mapas analisados neste artigo são um pequeno recorte de uma pesquisa mais ampla, que busca localizar, catalogar e analisar a cartografia sobre o Estado, reunindo esse material para pesquisa em uma exposição que demonstra a força dos povos que formaram o Estado do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- AZEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Elder Figueira; Roseilza do Vale & Francinete Cardoso **A escrita da história paraense.** Belém, NAEA-UFPA, 1998.
- BORGES, J. I. **Sobre o rigor na ciência, em: História universal da infâmia.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.
- CLAUDE D'ABBEVILLE. m 1632. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão: 1623.** Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da USP, 1975.
- D'EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613-14.** Ed Siciliano. SP, 2002.
- FARIAS, Maria Dulce e ADONIAS, Isa (rev.). A representação cartográfica no Brasil Colonial na coleção da Biblioteca Nacional. **Cartografia Colonial** (bn.gov.br).
- GUEDES, Max Justo. **A cartografia impressa do Brasil. 1506-1922.** Os 100 mapas mais influentes. Rio de Janeiro: Capivara Editora Ltda. 2012.
- HISTORIA DE LA CARTOGRAFIA. **La evolución de los mapas.** El mundo medieval, de Bizancio al Renacimiento. Editado en diciembre de 2022 Catálogo de Publicaciones de la Administración General del Estado: <https://cpage.mpr.gob.es>.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder.** Eurocentrismo e América latina. Consejo Latino-americano de Ciências Sociales. CLACSO 2005.
- HARLEY, John Brian. **Mapas, saber e poder.** In: Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia, no 5, 2009. Disponível em: <http://confins.revues.org/5724>. Acessado em: 14/09/24.
- KNAUSS. Paulo. **Brasil: uma cartografia.** Paulo Knauss, Claudia Ricci, Maria Pace Chiavari. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.
- MEIRELES, Mário M. **história do Maranhão.** Editora siciliano, São Paulo, 2001.

MARQUES, Cesar. **dicionário histórico e geographico da província do Maranhão**. 3 ed. São Luís Ed.AML, 2008.

MALCHER, A. **Urbanização da Amazônia e do Mato Grosso no século XVIII, povoações civis, decorosas e úteis para o bem comum da coroa e dos povos Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.20. n.1. p. 41-76. jan.- jun. 2012.

MOREIRA, Rafael. Entre ser português e ser índio barbado: da cidade de Nazaré (São Luís do Maranhão, 1536) à colonização do vale de Itapecuru no século XVII. **História** (São Paulo), v.40, e2021007, 2021 História (São Paulo), v.40, e2021007, 2021. ISSN 1980-4369 DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2021007>.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: pacificação, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro, contracapa, 2016.

O TESOURO DOS MAPAS. **A cartografia na formação do Brasil**. Banco Santos, 2002.

PFLUEGER Grete Soares. **Conhecendo a história e a cartografia urbana de São Luís** [livro eletrônico]. / Grete Soares Pflueger. – São Luís: UEMA, 2021. 46 f. ISBN: 978-65-89787-56-3 1. Arquitetura Colonial Luso Brasileira. 2.

SANTOS. Boaventura de Souza. **Crítica da razão indolente**. ed Cortez. São Paulo, 2005.